

CRÍTICAS AO ANARQUISMO DE ESTILO DE VIDA

Murray Bookchin

LIMITES DO ANARQUISMO CONTEMPORÂNEO

Num tempo em que a desconfiança popular em relação ao Estado chegou a níveis extraordinários em diversos países; em que a sociedade, nas mãos de um número bastante reduzido de corporações e indivíduos abastados, apresenta um nítido contraste, por razão do empobrecimento crescente de milhões de pessoas, em proporções jamais vistas desde a década da Grande Depressão; em que a intensidade da exploração tem forçado, cada vez mais, as pessoas a aceitarem uma semana de trabalho com duração típica do século XIX – os anarquistas não criaram um programa coerente nem uma organização revolucionária para direcionar o descontentamento da massa que a sociedade contemporânea está criando. [...]

O fracasso dos anarquistas – ou, pelo menos, de muitos autointitulados anarquistas – em conseguir um vasto grupo de apoiadores tem origem não apenas nesse senso de impotência que hoje permeia milhões de pessoas. Isso se deve, em grande medida, às mudanças ocorridas com muitos anarquistas nas últimas duas décadas. Goste-se disso ou não, milhares desses autointitulados anarquistas foram aos poucos abandonando o cerne social das ideias anarquistas, em favor de um personalismo *yuppie* e *new age*, que vem sendo disseminado em todo o mundo e que marca esta época decadente e aburguesada.

Em termos muito concretos, eles não são mais socialistas – defensores de uma sociedade libertária fundamentada nas comunidades – e abstêm-se de qualquer compromisso com um confronto social organizado e programaticamente coerente contra a atual ordem. Cada vez mais, esses autointitulados anarquistas vêm seguindo uma tendência do momento, em grande medida da classe média, que aponta para um personalismo decadente, em nome de sua “autonomia” soberana; para um misticismo nauseante, em nome de um “intuicionismo”; para uma visão edênica da história, em nome do “primitivismo”. Na verdade, o próprio capitalismo vem sendo mistificado por muitos desses autointitulados anarquistas, que o colocam como uma “sociedade industrial”, abstratamente concebida.

As várias opressões da sociedade vêm sendo grosseiramente atribuídas ao impacto da “tecnologia”, e não às relações sociais fundamentais entre capital e trabalho, estruturadas em torno de uma economia de mercado disseminada globalmente, que tem impregnado todas as esferas da vida, desde a cultura até as amizades e a família. A tendência de muitos anarquistas em considerar a origem dos males da sociedade a “civilização”, e não o capital e a hierarquia; a “grande máquina”, e não a mercantilização da vida; as obscuras “simulações”, e não a tirania bastante palpável das explorações e das carências materiais – essa tendência não difere da apologia burguesa do *downsizing* nas corporações modernas, como resultado de “avanços tecnológicos”, e não do insaciável apetite por lucro da burguesia. [...]

AUTONOMIA INDIVIDUAL E LIBERDADE COLETIVA

A menos que eu esteja gravemente equivocado – e espero estar –, os objetivos sociais e revolucionários do anarquismo vêm sofrendo um amplo desgaste, a ponto de a palavra “anarquia” estar se tornando parte do elegante vocabulário burguês do século XXI – desobediente, rebelde, despreocupado, mas deliciosamente inofensivo. [...]

Por cerca de dois séculos, o anarquismo – um corpo extremamente ecumênico de ideias antiautoritárias – desenvolveu-se com a tensão entre duas tendências contraditórias: um compromisso pessoal com a autonomia individual e um compromisso coletivo com a liberdade social. Essas tendências nunca se harmonizaram na história do pensamento libertário. Na realidade, durante boa parte do século XIX, elas simplesmente coexistiram no anarquismo, fundamentadas numa crença minimalista de oposição ao Estado, e não numa crença maximalista, que concebesse a nova sociedade que deveria substituí-lo. [...]

O fracasso do anarquismo em resolver essa tensão – em articular a relação entre o indivíduo e o coletivo e em enunciar as circunstâncias históricas que tornariam possível uma sociedade anárquica e sem Estado – criou problemas para seu próprio pensamento; problemas que continuam até hoje sem solução. [...]

Por mais atraentes que sejam – e nos Estados Unidos essas afirmações conquistaram considerável admiração da direita que vem sendo chamada de “libertária” (e que deveria ser chamada de proprietária), defensora de uma economia “livre” –, essas afirmações revelam um anarquismo em conflito consigo mesmo. Em diferentes termos, Mikhail Bakunin e Piotr Kropotkin defenderam perspectivas essencialmente coletivistas – no caso de Kropotkin, explicitamente comunistas. Bakunin priorizava, enfaticamente, o social sobre o indivíduo. [...]

CRÍTICA NECESSÁRIA AO INDIVIDUALISMO

Com a emergência do anarcossindicalismo e do anarcocomunismo, nos fins do século XIX e início do século XX, a necessidade de se resolver a tensão entre as tendências individualista e coletivista tornou-se obsoleta. O anarcoindividualismo foi, em grande medida, marginalizado pelos movimentos operários – organizações socialistas de massas –, dos quais muitos anarquistas consideravam-se à esquerda.

Numa época de violentos confrontos sociais – marcada pelo surgimento de um movimento de massas da classe trabalhadora, que teve seu auge nos anos 1930 durante a Revolução Espanhola –, os anarcossindicalistas e os anarcocomunistas, assim como os marxistas, consideravam o anarcoindividualismo um exotismo pequeno-burguês. Atacavam-no, com frequência, de maneira bastante direta, acusando-o de ser um capricho da classe média, muito mais radicado no liberalismo do que no anarquismo. [...]

Os anarcoindividualistas poucas vezes tiveram alguma influência sobre a classe operária que surgia naquele momento. Expressavam sua oposição em termos pessoais e peculiares, especialmente por meio de panfletos inflamados, comportamentos extravagantes e estilos de vida aberrantes, nos guetos culturais do *fin de siècle* de Nova York, Paris e Londres. Como uma crença, o anarcoindividualismo deu corpo, em grande medida, a um estilo de vida boêmio, que se evidenciou nas reivindicações de liberdade sexual (“amor livre”) e no fascínio pelas inovações na arte, no comportamento e nas roupas.

Nos tempos de grave repressão e de um imobilismo social mortal, os anarcoindividualistas tomaram a linha de frente das atividades libertárias – fundamentalmente pelo envolvimento nos atos terroristas. Na França, na Espanha e nos Estados Unidos, os anarcoindividualistas envolveram-se em atos de terrorismo que terminaram por dar ao anarquismo uma imagem de conspiração sinistra e violenta. Aqueles que se converteram ao terrorismo geralmente não eram socialistas libertários ou comunistas, mas homens e mulheres desesperados que utilizavam armas e explosivos para protestar contra as injustiças e o obscurantismo de seu tempo, supostamente em nome da “propaganda pelo fato”.

No entanto, o anarcoindividualismo expressou-se, na maior parte das vezes, por meio do comportamento cultural questionador. Foi ganhando notoriedade no anarquismo à medida que os anarquistas perdiam seu vínculo com uma esfera pública viável.

O contexto social reacionário de hoje explica bem a emergência de um fenômeno no anarquismo euro-americano, que não pode ser ignorado: a propagação do anarcoindividualismo. Nestes tempos, em que até as respeitáveis formas de socialismo fogem, desesperadamente, dos princípios que poderiam ser interpretados como radicais, as questões de estilo de vida estão, novamente, suplantando a ação social e as políticas revolucionárias anarquistas.

INDIVIDUALISMO COMO ESTILO DE VIDA

Nos Estados Unidos e na Inglaterra, países tradicionalmente individualistas e liberais, os anos 1990 estão transbordando de autointitulados anarquistas que – desconsiderando a retórica radical e exibicionista – vêm cultivando um anarcoindividualismo moderno, que chamarei de *anarquismo de estilo de vida*.

Suas preocupações com o ego, sua unicidade e seus conceitos polimorfos de resistência vêm, a todo momento, desgastando o caráter socialista da tradição libertária. Sem diferenças em relação ao marxismo e a outros socialismos, o anarquismo pode ser influenciado pelo ambiente burguês ao qual diz se contrapor, sendo resultado disso o crescimento do “ensimesmamento” e do narcisismo da geração *yuppie*, que vem deixando sua marca em muitos dos declarados radicais.

Aventureirismo *ad hoc*, ostentação pessoal, uma aversão à teoria estranhamente similar às tendências antirracionais do pós-modernismo, celebrações de incoerência teórica (pluralismo), um compromisso apolítico e antiorganizacional com a imaginação, o desejo, o êxtase e um encantamento da vida cotidiana muito voltado a si mesmo – tudo isso reflete o estrago que a reação social causou no anarquismo euro-americano durante as últimas duas décadas. [...]

Hoje, o que se passa por anarquismo nos EUA e, cada vez mais, na Europa, não é mais do que um personalismo introspectivo, que degenera o compromisso social responsável; um grupo de encontros, denominado genericamente “coletivo” ou “grupo de afinidades”; um estado de espírito, que arrogantemente ridiculariza a estrutura, a organização e o engajamento das pessoas; um parque de diversões para palhaçadas juvenis.

POSIÇÕES PÓS-MODERNAS, MÍSTICAS E PRIMITIVISTAS

Conscientemente ou não, muitos anarquistas de estilo de vida citam a “insurreição pessoal” de Michel Foucault como substituta à revolução social, fundamentados numa crítica ambígua e cósmica do poder enquanto tal, e não nas demandas de fortalecimento institucional dos oprimidos, por meio de assembleias populares, conselhos e confederações. Na medida em que essa tendência exclui a possibilidade concreta da revolução social – colocando-a como “impossibilidade” ou “imaginário” –, ela perverte os fundamentos do anarquismo socialista ou comunista. [...]

Presos – como todos nós estamos, no amplexo onipresente de um poder tão cósmico que, descontados os exageros e as ambiguidades de Foucault, a resistência torna-se completamente polimorfa –, flutuamos à toa entre o “solitário” e o “exuberante”. Suas sinuosas ideias resumem-se à noção de que a resistência deve necessariamente ser uma guerrilha, que esteja sempre presente – e que é sempre derrotada.

O anarquismo de estilo de vida, assim como o anarcoindividualismo, despreza a teoria ao utilizar referenciais místicos e primitivistas, geralmente muito vagos, intuitivos e até antirracionais, quando imediatamente analisados. Eles são mais sintomas do que causas dessa tendência à santificação do eu, utilizada como um refúgio contra o mal-estar social existente. Entretanto, os anarquismos personalistas continuam a utilizar certas premissas teóricas nebulosas, que precisam ser criticamente investigadas.

Sua linha ideológica é basicamente liberal, fundamentada no mito do indivíduo completamente autônomo, cujas reivindicações da própria soberania valem-se de axiomáticos “direitos naturais”, “valores intrínsecos”, ou, num nível mais sofisticado, do eu transcendental kantiano, produtor de toda a realidade cognoscível. Essas tradicionais posições evidenciam-se no “eu” ou no único [ego] de Max Stirner, que tem em comum com o existencialismo a tendência de absorver toda a realidade em si mesmo, como se o universo girasse em torno das escolhas do indivíduo auto-orientado.

INDIVIDUALISMO, AUTONOMIA E LIBERDADE

Trabalhos mais recentes sobre o anarquismo de estilo de vida têm evitado o “eu” que tudo abarca, o “eu” soberano de Stirner, ainda que conservem sua ênfase no egocentrismo e tendam ao existencialismo, ao situacionismo reciclado, ao budismo, ao taoísmo, ao antirracionalismo ou ao primitivismo – ou, de maneira muito ecumênica, a todos eles, em várias permutações. Seus atributos comuns, como veremos, aspiram a um retorno edênico ao ego original, muitas vezes difuso ou até petulante e infantil, que aparentemente precede a história, a civilização ou uma tecnologia sofisticada – possivelmente anterior à própria linguagem –; atributos comuns que têm alimentado mais de uma ideologia política reacionária ao longo do século XIX. [...]

É elementar que, apesar da retumbante abertura de Jean-Jacques Rousseau em seu contrato social, as pessoas definitivamente não “nascem livres”, muito menos autônomas. Pelo contrário, elas nunca nascem livres, são muito dependentes e evidentemente heterônomas. A liberdade [*freedom*], a independência e a autonomia que as pessoas têm num dado período histórico são produtos de longas tradições sociais e de um desenvolvimento coletivo – o que não significa negar que os indivíduos tenham um importante papel a desempenhar nesse desenvolvimento e que, de fato, no fim das contas, sejam obrigados a fazer isso, se desejarem ser livres. [...]

Reconhecer que os indivíduos determinam a si mesmos e que têm o livre arbítrio não exige recusar o coletivismo, já que se sabe que esses indivíduos também são capazes de desenvolver uma consciência das condições sociais sob as quais as potencialidades eminentemente humanas são desenvolvidas. A obtenção da liberdade [*freedom*] depende, em parte, de fatores biológicos (como qualquer um que tenha criado uma criança sabe), em parte, de fatores sociais (como qualquer um que vive em comunidade sabe) e, ao contrário do que dizem os construcionistas sociais, em parte, da interação com o meio e das propensões inerentes a cada pessoa, como qualquer indivíduo pensante sabe. A individualidade não surgiu do nada, a partir da existência. Como a ideia de liberdade [*freedom*], ela tem uma longa história social e psicológica. [...]

BASES LIBERAIS DO ANARQUISMO DE ESTILO DE VIDA

Hoje, o anarquismo de estilo de vida encontra sua principal expressão no grafite, no niilismo pós-modernista, no antirracionalismo, no neoprimitivismo, na antitecnologia, no “terrorismo cultural” neossituacionista, no misticismo e na “prática” de encenação das “insurreições pessoais” foucaultianas.

Essas posturas modernas e vaidosas, quase todas resultado de uma moda *yuppie*, são individualistas principalmente por serem antitéticas ao desenvolvimento de organizações sérias, de uma política radical, de um movimento social comprometido, de coerência teórica e de relevância programática. [...] A bandeira negra – que os revolucionários do anarquismo social levantaram nas lutas insurrecionais na Ucrânia e na Espanha – torna-se agora um “sarongue” da moda, para deleite de uma chique pequena burguesia. [...]

O grande brado da Primeira Internacional – que o anarcossindicalismo e o anarcocomunismo sustentaram depois que Marx e seus defensores o abandonaram – era: “não mais direitos sem deveres, não mais deveres sem direitos”. Por gerações, essas palavras adornaram os periódicos que devemos chamar, em retrospectiva, de periódicos anarquistas sociais. Hoje, isso está em radical desacordo com a reivindicação egocêntrica do “desejo armado”, com as contemplações taoístas e os nirvanas budistas. Ao passo que o anarquismo social recorre ao povo buscando a revolução e a reconstrução da sociedade, a pequena burguesia enraivecida que povoa o mundo do anarquismo de estilo de vida invoca a rebelião episódica e a satisfação de suas “máquinas desejantes”, para utilizar a fraseologia de Deleuze e Guattari. [...]

Sendo direto: entre o socialismo do anarcossindicalismo e do anarcocomunismo (que nunca negaram a importância da autorrealização e da realização do desejo), e o individualismo, fundamentalmente liberal, do anarquismo de estilo de vida (que alimenta a ineficácia social, quando não a pura negação social), existe um divisor que não pode ser transposto, a não ser que desconsideremos completamente os objetivos, os métodos e a filosofia básica tão diferentes que os distinguem. [...]

ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA (TAZ)

A TAZ é tão passageira, tão evanescente, tão inefável — em contraste com o Estado e com a burguesia, que são tão estáveis — de maneira que “assim que a TAZ é nomeada [...] ela deve desaparecer, ela *vai* desaparecer [...] e brotará de novo em outro lugar” (TAZ, p. 101). A TAZ, portanto, não é uma revolta, mas uma simulação, uma insurreição igualmente vivida na imaginação de um cérebro juvenil, uma retirada segura para a irrealidade. Certamente, declama Bey: “Nós a recomendamos [a TAZ], pois ela pode fornecer a qualidade do enlevamento, sem necessariamente[!] levar à violência e ao martírio” (TAZ, p. 101). Mais precisamente um *happening* de Andy Warhol, a TAZ é um evento passageiro, um orgasmo momentâneo, uma expressão fugaz da “força de vontade” que é, na realidade, uma evidente impotência em relação à sua capacidade de deixar qualquer marca na personalidade, na subjetividade ou mesmo na autoformação do indivíduo, impotência ainda maior para a modificação dos fatos ou da realidade. [...]

A burguesia realmente não tinha motivos para temer essas declamações de estilo de vida. Com a sua aversão pelas instituições, pelas organizações de massas, com sua orientação em grande medida subcultural, sua decadência moral, sua celebração da transitoriedade e sua rejeição dos programas, esse tipo de anarquismo narcisista é socialmente inócuo e, com frequência, apenas uma válvula de escape segura para o descontentamento com a ordem social dominante. Com Bey, o anarquismo de estilo de vida foge de toda militância social significativa e do firme compromisso com os projetos duradouros e criativos, dissolvendo-se nas queixas, no niilismo pós-modernista e em um confuso sentido nietzschiano de superioridade elitista.

O anarquismo pagará caro se permitir que este absurdo substitua os antigos ideais libertários. O anarquismo egocêntrico de Bey — com sua reivindicação pós-modernista da “autonomia” individual, das “experiências-limite” foucaultianas e do êxtase neossituacionista — ameaça tornar o *anarquismo* inofensivo, em termos políticos

e sociais, transformando-o em um simples modismo para o gozo de pequeno-burgueses de todas as idades.

PRIMITIVISMO ANTICIVILIZAÇÃO

A denúncia da tecnologia e da civilização, como se elas oprimissem inerentemente a humanidade, na realidade, serve para *encobrir* as relações sociais específicas que privilegiam os exploradores em relação aos explorados e aqueles que são hierarquicamente superiores em relação a seus subordinados. [...]

Há um ponto importante, e até mesmo crucial, que deve ser colocado aqui. Essa falta de evidência das relações do capitalismo faz com que o público não perceba que a competição capitalista é a causa das crises de nosso tempo. A essas mistificações, os antitecnológicos e os anticivilizadores adicionam o mito de que a tecnologia e a civilização são inerentemente opressoras e, com isso, encobrem ainda mais as relações sociais específicas do capitalismo – principalmente a utilização de coisas (mercadorias, valores de troca, objetos, use o termo que quiser) – para mediar as relações sociais e para produzir o panorama tecnourbano de nossa época. [...]

Dessa forma, em vez de descobrir as fontes das patologias pessoais e sociais contemporâneas, a antitecnologia substitui, ilusoriamente, o capitalismo pela tecnologia, algo que *facilita* a acumulação de capital e a exploração do trabalho, causas evidentes do crescimento e da destruição ecológica. [...] Para esses anarquistas de estilo de vida, em especial os anticivilização e primitivistas, a própria história torna-se um monólito degradante, que suprime todas as distinções, mediações, fases de desenvolvimento e especificidades sociais. O capitalismo e suas contradições são reduzidos a epifenômenos de uma civilização devoradora, com seus “imperativos” tecnológicos sem qualquer nuance e diferenciação. [...]

O anarquismo de estilo de vida anticivilização é cúmplice do capitalismo, ao trazer o espírito humano e sua história de volta a um mundo menos desenvolvido, menos determinado e edênico – a sociedade pré-tecnológica e pré-civilizatória supostamente “inocente”, a qual existiu antes que a humanidade “perdesse a graça”. [...]

Esse mito da “perda da autenticidade” tem suas raízes no romantismo reacionário, mais recentemente na filosofia de Martin Heidegger, cujo “espiritualismo” *völkisch*, latente em *Ser e Tempo*, foi depois desenvolvido em suas obras explicitamente fascistas. Essa visão nutre-se do misticismo quietista – que existe em abundância nos escritos antidemocráticos de Rudolf Bahro, com seu apelo mal disfarçado à “salvação” por um “Adolf ambientalista” –, da busca apolítica de um espiritualismo ecológico e de uma “autorrealização” proposta pelos ecologistas profundos.

[...] Assim como o único [ego] stirneriano pequeno-burguês, o anarquismo de estilo de vida primitivista não se preocupa muito com as instituições sociais, as organizações políticas e os programas radicais, e preocupa-se menos ainda com uma esfera pública, já que todos os escritores que consultamos identificam esses elementos automaticamente com a burocracia estatal. O esporádico, o não sistemático, o incoerente, o descontínuo e o intuitivo substituem o consistente, o útil, o organizado e o racional; na verdade, qualquer forma de atividade constante e centrada, que não seja publicar um “zine”, um panfleto ou pôr fogo numa lata de lixo. A imaginação é contraposta à razão, e o desejo, à coerência teórica, como se eles estivessem em radical contradição.

CONTRAPONTO DO ANARQUISMO SOCIAL

O anarquismo social, a meu ver, tem uma essência completamente diferente por ser herdeiro da tradição iluminista, com a devida consideração de seus limites e de suas imperfeições. Dependendo de como definirmos a razão, o anarquismo social pode celebrar a mente humana pensante sem, de forma alguma, negar a paixão, o êxtase, a imaginação, o divertimento e a arte. Contudo, em vez de materializar esses elementos em categorias nebulosas, ele busca incorporá-los na vida cotidiana.

O anarquismo social compromete-se com a racionalidade, opondo-se à racionalização da experiência; com a tecnologia, opondo-se à “megamáquina”; com a institucionalização social, opondo-se ao sistema de classes e à hierarquia; com uma política genuína, baseada na coordenação confederativa de municipalidades ou comunas, levada a cabo pelo próprio povo, com democracia direta cara a cara, opondo-se ao parlamentarismo e ao Estado. [...]

Deveria estar claro para qualquer um que não tenha sido entorpecido por Stirner ou por outros de seu tipo, que nenhuma sociedade pode existir sem estruturas institucionais. Ao negar as instituições e a democracia, o anarquismo de estilo de vida isola-se da realidade social, de maneira a poder enfurecer-se com tudo, a partir de uma raiva fútil, continuando, assim, a ser uma travessura subcultural para ingênuos jovens e entediados consumidores de roupas pretas e pôsteres excitantes. [...]

O poder, que sempre existirá, pertencerá ou ao coletivo, numa democracia cara a cara e claramente institucionalizada, ou aos egos de poucos oligarcas que produzirão uma “tirania da falta de estrutura”.

Não sem justificativa, Kropotkin, em seu artigo da *Encyclopaedia Britannica*, considera o único [ego] stirneriano hierárquico, e por isso o despreza, acusando-o de ser elitista. [...]

É certo que já não é mais possível, do meu ponto de vista, chamar alguém de anarquista sem adicionar um adjetivo qualificativo que o distinga dos anarquistas de estilo de vida. Minimamente, o anarquismo social está em imenso desacordo com o anarquismo que se baseia prioritariamente no estilo de vida, na invocação neossituacionista do êxtase e na soberania do ego pequeno-burguês, cada vez mais decadente. Os dois divergem completamente em seus princípios de definição – socialismo ou individualismo. Entre um corpo revolucionário comprometido de ideias e práticas, e o anseio vagabundo do êxtase e da autorrealização privados, nada pode haver em comum. A mera oposição ao Estado pode muito bem unir o lúmpen fascista com o lúmpen stirneriano, fenômeno que não deixa de ter precedentes históricos.

*** Esse texto foi composto com trechos do texto “Anarquismo Social ou Anarquismo de Estilo de Vida: um abismo intransponível”.**



Este texto é parte do Programa Mínimo de Formação da OSL